



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 342 — Preço 1\$00
13 DE ABRIL DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

Procuram-se em fontes seguras, para esconder a lenda, elementos que permitam reconstituir a vida escolar do P.e Américo.

Enquanto não chegam, seja-me permitido evocar os nossos tempos na Escola Régia de Galegos, que frequentamos ambos e ao mesmo tempo.

A mais de meio século de distância as recordações chegam-me esbatidas e confusas. Valeu-me ainda assim, andar pelos sítios, em peregrinação de saudade, a evocar e reviver, sob a sugestão do cenário quase intacto, as mil coisas imponderáveis que entram e ficam na estruturação do nosso modo de ser.

Lá está ainda tudo efectivamente: a dependência numa casa modesta alugada para servir de escola, as duas ja-

nelas sobre o caminho onde nos debruçávamos à espera do Mestre, os recantos e brechas onde jogávamos as escondidas e, com relevante poder evocativo, o cruzeiro, o venerando cruzeiro do adro paroquial.

Verdadeiramente só ali pude rever-nos com nitidez, o Américo e eu, sentados nos degraus musgosos, à hora da merenda, a mastigar à pressa o naco de boroa com o apesigo que calhasse; à pressa porque o tempo era pouco e a brincadeira aliciante.

* *

O Américo era, por família e índole, um menino de boas maneiras, trajando bem, alegre sem estúrdia, afável e acolhedor para todos. Filho de gente de meios e muito considerada na terra, não tirava

daí partido para se impôr. Era como nós e nós apreciávamos aquela simplicidade sem basófia.

O que ele era, e nisso punha alguma vaidade, era um exímio jogador de pião. Lançava-o com gana, fazia-o zunir e adormecia-o em redopio velloz na palma da mão. Eu insistia mais pelo jogo do botão. Era mais emocionante. Ganhava-se e perdia-se. E com ele era delicioso, porque nunca nos levava à ruína. Quando nos via desolados de perder, jogava mal de propósito para nos deixar ganhar até que o nosso pecúlio de botões—espécie monetária das nossas transacções—estivesse refeito.

Belos tempos! O P.e Américo recordava-os com saudade. Estou a ouvi-lo dizer-me, como para cimentar a nossa recíproca confiança:

—O... olha que nós jogamos ambos o pião...

E outras vezes, muitas, formulava um desejo:

—Porque não reunes em tua casa os nossos antigos companheiros de escola? Ainda há muitos vivos.

E começava a citar nomes: —Fulano (era um magistrado), sicrano (era um mendigo). E outros assim à mistura. Bom e querido P.e Américo, partiste antes que chegasse a fazer-te a vontade!

* *

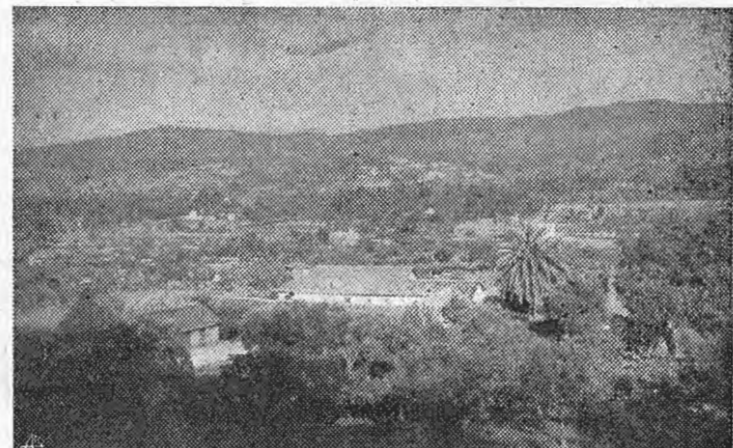
Era nosso professor o Senhor Pinto, um homem alto e entroncado, de barba toda, muito bom e muito nosso amigo. Queríamos-lhe muito apesar de certo apetrecho didáctico de que não prescindia na altura conveniente.

Às vezes descia ao cruzeiro no fim da sua merenda frugal e entrava na venda do Sr. Cunha para heber meio quartilho. Era raro mas acontecia que, encontrando ali amigos, se enleava na conversa. Palavra puxa palavra, palavras puxam caneca e por ali se deixava ficar para além da hora. Mas vinha à porta e comandava:

—Girem para a escola que eu já lá vou ter.

E nós girávamos em galhofa e satisfeitos, porque nos palpitava que naquela tarde escapariamos à bolaria do costume. Para mais perfeita tranquilidade, quando a demora se prolongava, algum de nós — e o Américo estava ao nó para a função — descia surra-

— Continua na segunda pág. —



A velha casa do Bairro. — A 1.ª janela da esquerda é a do quarto onde Pai Américo nasceu.

Tribuna de Coimbra

À medida que os nossos trabalhos aumentam, por dispersos e deslocados que são, mais nós saboreamos este método de educação do rapaz, para o rapaz, pelo rapaz. Se não fôsse assim, nunca poderíamos arrear pé. E se tivéssemos de sair, a nossa ausência seria motivo de desordem.

Assim, não. Raro passamos um dia todo em casa. São recados em Coimbra; é a vida de vinte rapazes do lar; são as aflições dos Pobres em suas casas; são os doentes a pedir uma visita; e é, acima de tudo,

o cuidado do Património dos Pobres.

A nossa mala tem que estar sempre aviada. Basta pegar na chave da Opel e andar.

Não quer isto dizer que em casa corra sempre tudo bem. Se assim fosse a vida não seria normal.

O primeiro grande espanto dos que nos não conhecem por dentro é quem nos substitue quando não estamos presentes. A nossa resposta é sempre um sorriso de confiança e esperança. Vejamos.

Ontem o Ruizito, o Toninho e o Fernandito, que ainda não têm idade de escola, andavam a brincar no campo e, de repente, resolveram ir apanhar erva para as ovelhas. Na sua inocência, a primeira pergunta entre eles foi: «e qual é o chefe? Sou eu», respondeu um deles. E foram à erva.

O responsável é escolha do próprio rapaz. São eles. Eles é que tomam conta, mesmo que nós estejamos. Na nossa ausência o chefe toma mais responsabilidade e todos tomam mais respeito. Actualmente o chefe tem dezanove anos e é serralheiro e o seu ajudante tem dezoito e sabe de campo, de sapateiro e da bola.

Há dias no nosso Lar, um dos rapazes veio ter comigo e pediu-me para eu chamar um outro e o aconselhar, porque anda com um mau companheiro de trabalho. «Olhe que o companheiro dá cabo dele».

Chamei o rapaz e disse-lhe do perigo em que andava e ele reconheceu. Espero que reaja. Assim o prometeu.

Ai de nós se não fosse assim! Cada rapaz precisaria de um vigilante! E ai da recuperação destes rapazes se não fossem objecto de confiança e de amor. Quem conseguiria alguma coisa deles? Eles, os esconderados

— Continua na quarta pág. —

BARREDO

Hoje foi um repisar passadas de muitas vezes. Altar nos Congregados, cafèzinho a um canto do Imperial e depois..., Mousinho da Silveira abaixo. Uma acção de graças que Pai Américo rezou repetidamente nos derradeiros catorze anos do seu apostolado.

Entre pela Rua do Souto. Na véspera tivera carta daquele lugar de morte «Eu..., solteira, venho recorrer ao coração de V. Rev.ª afim de lhe expor o seguinte.

Não conheci meus pais, tendo sido recolhida num colégio. Por infelicidade minha quando saí, fui enganada por um namoro tendo uma filha de 11 anos. Desde esse momento tenho sido uma infeliz, pois já tenho duas meninas e um rapaz de 4 anos feitos em Dezembro último.

Não tenho ninguém que me ajude, sou só eu na minha triste vida que ganho para todos, além disso pago 13\$00 escudos diários de aluguer. Vejo-me e desejo-me para poder viver: as despesas são certas, mas os ganhos são incertos».

Quere que eu lhe tome o filho, «para amanhã ser um homem útil à sociedade, caso contrário que será ele um dia? Mais um desgraçado, mais um infeliz».

Esta mulher não perdeu a consciência do Bem e da Ver-

dade. «Sou só eu na minha triste vida...» «Por infelicidade minha...» Não quer que o seu filho seja amanhã «mais um desgraçado». E, rasgando o seu coração aonde a maternidade se não apagou, apela para o meu, que «ele (o pequenito) é bastante inteligente, esperto e muito meigo».

Entre pela Rua do Souto. Passei-lhe à porta. Cruzei com muitas. Quem sabe se com ela? Não bati. Não disse nada. A minha mente acorreu a informação: «...ele é bastante inteligente e muito meigo.» Inteligência e amor. As duas marcas do Divino em nós. E essas, no pequenito, a Mãe quer dar-mas a mim, que ele não tem pai para as merecer e ela não pode, porque «sou só na minha triste vida».

Senhor Deus, bendito sejas pelo entendimento que me deste da «pars hereditatis meae» que Tu és para nós na pessoa do mais pequenino dos irmãos! A nossa pobreza, o nosso celibato constituindo-nos herdeiros desta riqueza insuperável: «ele é bastante inteligente e muito meigo». E a mãe, essa, por amor dele, mergulha na sua

— Continua na segunda pág. —

Visado pela Comissão
de Censura



solidão: «Sou só na minha triste vida». Oh mundo! que contas erradas são as tuas!

Tornei a esquina daquele lugar de morte e começo a descer a Banharia. Subo a visitar o sapateiro parafítico. Abriam-me a porta. Estremei. Se não fora a força trazida do Altar eu não tinha avançado. Do quarto escuro de 2x3 metros, saiu uma lufada de ar quente e viciado que me fez vertigem. À luz das 25 velas duma lâmpada o nosso homem «entretinha-se» a remendar uns

— Continuação da primeira pág. —

sapatitos. Ao lado, o neto de 2 anos. Mal se endireita ainda. O pai anda no rio. Deu-lhe 20\$00 escudos em dois anos. O resto tem-no gasto a «gozar» a vida.

A meio dos Mercadores é a casa daquela que apeteceu um bife. A última vez disse que fora chamada ao sanatório. Foi sim, mas foi tarde. Esteve lá quinze dias. Preparou-se para as contas finais e veio morrer a casa. Ainda não passou um mês. Nunca vi

ninguém tão compostinho». — disse-me dela uma das vizinhas.

Doas portas a caminho do rio é aquele «arranha-céus» que custa muito a subir! Tanto... que uma delas já não vem cá abaixo. A outra espera à porta o tostão de quem passa.

Depois foi a Rosinha. «Tantos dias que o lume não se acende aqui em casa e V. tão raro cá vem». Nunca ali vou que ela não ralhe comigo. Ela tem razão. Não tem que compreender porque não vou mais vezes. Basta-lhe a realidade de «tantos dias que o lume não se acende aqui...»

Passei pelo Aree do Barredo, de visita ao «José da Cadeirinha». Dali a casa da mãe do Edmundo é um salto. Ela queria uma missa por alma dele no dia dos seus anos. Escrevi na agenda. Querendo Deus será em 22 de Abril.

A meio das Escadas do Barredo, mora a Mãe do Zé da Lenha. Ele escrevera-me. «Quando for ao Barredo, pergunte pela Beatriz». Perguntei. Perguntei até a ela própria. O sítio é formoso. Vistas bonitas sobre o rio. Dentro as perspectivas são mais sombrias. Há injeções e comprimidos. Fichas da Carvalhosa. Fumo nas paredes e no tecto. Sombrias nos pulmões que a gente não vê, mas adivinha.

Era quase meio dia quando voltei daquele mundo.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

OS NOSSOS POBRES: Andamos — há que tempos! — para dar notícias dos nossos amores. Mas que, a falta de espaço continua a limitar-nos. Entretanto, vamos publicando e jamais podemos deixar de publicar os vossos donativos. Pela sua quantidade, pela sua qualidade, mais por esta que por aquela, podemos inferir quanto Deus é por nós e pelos nossos Pobres.

O QUE RECEBEMOS: Alcanena, assinante 7.240, 50\$00. Porto, idem 29.418, 20\$. Mais Porto, idem 4.893, 50\$. Outra vez Porto, n.º 9.358, o mesmo. Montargil, 40\$ do assinante 5.031. Caldas da Rainha, n.º 31.414, 10\$. Porto, n.º 20.554, 50\$. Lisboa, n.º 20.771, 50\$. Parede, igual quantia do assinante 11.866. E mais 50\$, são do n.º 1.251, do Porto. E mais Porto: Leopoldino Pereira e José Rocha 20\$ de cada. Que «invasões» de Porto: tão pacífica, tão generosa, tão amiga! Ai Porto!... Rio Tinto vem lá, pela mão de Dr.ª Alda Monteiro, com 5\$00, sobras dum pagamento à Tipografia. De uma nulidade, 120\$00. Quanto mais «nulos», mais de Deus. O Reino do Pai Celeste é, mesmo, para os mansos e humildes; para os que — muitas vezes! — à vista do mundo são uma nulidade. O costume costumeado da assinante 17.022, 40\$. Torres Novas, assinante 8.114, 50\$. Por fim, uma nota de ternura: «Passando no dia 6 o primeiro aninho da nossa filhinha, Maria, Guilhermina, envio 50\$00 que gostaria fossem empregados a uma menina aproximadamente da idade da nossa». Reparem nos «inhos»; os ternos, os amorosos, os insubstituíveis diminutivos da Mãe.

Júlio Mendes

Facetas de uma Vida

— Continuação da primeira pág. —

teiramente ao lugar e postava-se à esquina da venda a prescrutar o pé em que as coisas estavam. Se a voz do velho professor se percebia fanhosa, arrastada e húmida, o mensageiro chegava ofegante à escola e da porta anunciava em delírio:

— Já está...

Todos entendíamos e o leitor também entendeu. Esfregávamos as mãos com fúria satisfeita, sorriamos com malícia, a algazarra recrudescia e entrava no ar um sabor a figos.

A hora de largar o professor aparecia, rubicundo e feliz, amparando contra o peito um grosso saco de papel. Eram figos. Jogava-os para o ar em punhadões e gozava, vendo-os pular, empurrar, socar, no afã do «quem mais apanha».

Depois despedia-nos:

— Para casa direitinhos. Para amanhã vem a mesma lição.

Com que ternura no olhar e na voz lhe dizíamos ao pegar nas sacas:

— Até amanhã, Snr. Mestre!

E pelo caminho comentávamos com sinceridade: «Que bom o nosso Mestre!». E acertávamos pelo número de figos o grau de agilidade de cada qual.

Era muito bom o Senhor Pinto, sim senhor, porque uma vez não são vezes e no resto era zeloso, competente e cumpridor. Até o Américo saboreava os figos, concordava connosco e, apesar de ponderação e grave, desculpava e absolvía.

Naquele tempo a escola não era assim muito «risonha e franca», nem a vida mimosa e fácil.

Eu conto ainda um episódio que retrata a época sob muitos aspectos, melhor que descrições ou estatísticas.

Andava connosco na escola um rapazinho franzino e pálido, que veio a falecer muito novo. Era o Chico e morava longe. Certo dia chegou à aula muito tarde. A leitura tinha já corrido o seu giro e o ditado ia no meio. Empurra a porta e encaminha-se muito receoso para a mesa do professor.

— Bom dia, senhor Mestre, balbucia a medo.

E ia mirando com os seus olhos de carne os olhos metafóricos da palmatória, bem torneada e polidinha do uso, que o espreitavam dentre a rima das cópias.

Mestre Pinto endireita-se solemne na sua cadeira de braços, tira os óculos para ver melhor e increpa-o com severidade:

— Então isto é que são horas de vir para a escola?

— A minha mãe deu-me o café muito tarde, justificou-se o Chico.

— O café!!! salienta atónito o Sr. Pinto.

— Voltando-se para a malta:

— Vocês ouviram? Este toma café!! Pois por isso, pois por isso...

Dali por diante era sabido:

se o pobre Chico dava sílabas na leitura, errava as contas ou se engasgava na tabuada, logo o professor tropejava para a assistência gozadora:

— Pois claro, tu tomas café... Come caldo, meu b... , come caldo com a nós!

Foi nesta época e sob este clima que o P.e Américo foi ensinado a ler e aprendeu a ser gente.

Naquele tempo era assim a escola e a vida.

P.e Avelino Soares

O que nos dão no Tojal

No intuito de conseguir a felicidade, o homem tem conjugado os verbos mais variados, mas raramente com eficiência.

Ora, eu quero chamar a atenção para o verbo «dar-se». Aquele que na verdade, lhe conjuga o indicativo presente é totalmente feliz. Mas «dar-se» por amor a uma causa nobre! E que mais alto pode haver do que a dos nossos Irmãos Pobres, imagens do Deus vivo, escondido é certo, em andrajos e tocas?

Abrem-se hoje no mundo tantas portas para tornar o homem feliz:—a da ambição, a do sensualismo, a dos divertimentos, e outras que todos conhecem. A da Caridade tem-se mantido patente ao longo dos séculos, mas poucos se afoitaram a transpô-la, talvez por escassas vezes dar prazer natural, mas só angústia e dor. Pois a Caridade é passar para nós os sofrimentos alheios. Contudo é desta permuta que resulta a alegria: nunca se colhe tanta

como quando amamos com sacrifício total de nós mesmos. A alegria vem do Alto, passa para o nosso íntimo e aflora-nos no rosto. Tornar os outros felizes amando-os, é ser sumamente feliz. E se operamos desinteressadamente sem esperar recompensa, a Caridade é perfeita e a alegria indizível. Eu vi-a estampada na face de quem outro dia se negou a revelar o nome ao entregar-me seis contos no Lar de Lisboa. Adivinho-a em cada donativo singelo de que faço aqui menção. Felizes os que sabem dar com inteligência e amor.

Duma admiradora da Obra da Rua 100\$. Outro tanto no Lar, 200\$ da R. Moraes Soares, 180\$ de gente nossa amiga e três mensalidades de 50\$ de alguém que também nos ama.

Dois universitários apresentam-se com 120\$ e voltam costas sem dar tempo de os fixar. Mais 50\$ e estas linhas de meditação: «O Pai Américo sem me conhecer ensinou-me a viver cristamente. Fez-me ver que apesar de todo o mal que nos rodeia, e de todos os perigos que nos ameaçam é possível viver sem pecar. Não sou gaiato mas também acho que ele é o Pai Américo, porque só um verdadeiro Pai se preocupa com a felicidade autêntica dos filhos».

A Câmara de Loures com três mil escudos. No Monumental os espectadores quiseram iniciar o novo ano com um acto de generosidade, e recolheram 1.197\$ para os nossos rapazes. Mais 60\$ em Lisboa.

— Continua na quarta pág. —

Do que nós necessitamos

Mais esta carta: «Tenho 23 anos, trabalho em casa; ocasiões mais, outras menos que fazer».

O que ganho entrego a meus Pais; fico apenas com uns escassos escudos, o que me obriga a levar tempo a juntar para tudo quanto quero. O que às vezes entrego, aos vendedores do «Famoso» é uma insignificância, como o é esta que envio». E manda 27\$50, fruto Deus sabe de quanta heroicidade. Oh beleza! Oh devoção!

Mais 20\$, «resultado duma aposta e apenas pedindo uma Ave-Maria pelo vencedor e pelo vencido». Ora aqui está cavalheirismo. «Um pouco do meu primeiro ordenado para os filhos dilectos de Jesus, os Pobres»: cinquenta. O mesmo de M. A. V. pelo exame de seu filho. E o dobro, também de um primeiro ordenado, «com a esperança de poder continuar».

Agora é África. «Uns poucos de simpatisantes da Diamang» não querem chegar atrasados e aí vêm com 1.000\$00 e muita simpatia para a Páscoa da Casa do Gaiato. Da Beira, 200\$ da Bertina; 100\$ de Robert Williams. O mesmo da Baía dos Tigres, «em acção de graças pelos benefícios que Deus me tem concedido». Que bonito uma alma, para quem orar é antes de mais acção de graças! Finalmente é Amboim, alguém da Companhia Angolana de Agricultura com 3.000\$00, «parte do cumprimento de uma promessa».

A Johannisberg mais uma vez não foi expressamente lembrada. Eu é que de tanto me lembrar dela e tanto a desejar, lhe reservo duas pequeninas boladas para amortização: 200\$ de Lisboa «para o que mais necessário for» e mil da mesma origem e com o mesmo fim.

«Directores e empregados duma Companhia de Seguros, reunidos num almoço de confraternização, colectaram-se e apuraram 300\$, que gostosamente enviam». Da Covilhã uma tarifa com 10 quilos de fazendas de lã. Da Rua do Almada toda a tinta Murágua com que se vai pintar o novo edifício da adega. E, mais uma vez, serra de fita daquela empresa já aqui falada!

Os nossos Pobres nunca são esquecidos pelos leitores. E alguns há tantos anos! Entre eles conta-se «a viúva de 8 filhos» com 120\$00 de Luso—Angola e 100\$ de Tomar relativos a Janeiro e Fevereiro e outra vez Tomar com mais 50\$ e esta carta:

«Completem-se agora em Março, não me recordo quantos, mas já alguns que «O Gaiato» fez o apelo para «o verdadeiro sentido de bem fazer», em que pedia o auxílio de 50\$ por um ano, para cada um dos cinco filhos que então tinha sem pão, a «viúva dos 8 filhos». Fazendo minha a dor dessa mãe — pois também tenho uma filha criança — corri logo a enviar os 50\$ mensais e continuei até hoje.

Agora porém, penso que já não é este «o verdadeiro sentido de bem fazer», pois que os três filhos que já então ganhavam, hoje devem ganhar mais por terem mais idade; e os outros cinco também já mais algum ganha o seu pão, e então são eles os primeiros a terem obrigação de ajudarem a mãe. É com grande sacrifício que dou esta esmola, pois é fruto de muita economia e privação, e só a dou na esperança de que ela vá ajudar a sarar alguma ferida dolorosa.

Pelo que acabo de expor e, sabendo que quando alguém manda para aí dinheiro «sem destino» ele tem sempre o «melhor destino» daqui em diante mandarei quando puder».

Gazi manda 200\$, continuação das migalhas. Quatro vezes menos dos «dois amargurados», 50\$ de M. L. T. M. e dez vezes mais «em acção de graças por mais um aniversário que Deus me deixou ver os meus filhos».

150\$ para três doentes pobres da Av. de Roma e 70\$ e o pedido de orações pela saúde do marido e filhos e «pela minha para os criars». Outros 100\$ para os nossos pobres e 20\$ da Maria de Seia e outra vez 200\$ «para mais uma luz acesa a N. Senhora» por uma doente que vai ser operada. Uma anónima de Ilhavo abre a mão e deixa mil. «Os restantes 100\$ dados pela minha mãe, por alma da minha avó». É Lisboa, E duas camisolas de Évora e mais um embrulho delas no Lar. E 100\$ de algures «pedindo em troca uma oração de rapazes por um rapaz, meu irmão, que se encontra desempregado há mais de um ano». Uma promessa liquidada com 20\$ e 100\$ do Congo Belga, por alma dum português falecido, e o dobro, «que muito embora insignificante, diz bem a minha admiração».

500\$ de um casal de Medelim agora em viagem para África. O dobro à porta do Lar, depois de um peditório numa igreja do Porto. Dez por alma dum Zeca e «uma pobre agradecida» e tudo quanto vai dar aos Clérigos, 54. E esta carta de «uma torrejana»:

«Leio duma ponta a outra o vosso Gaiato e nunca posso evitar que as lágrimas me corram pelas faces. Lágrimas de alegria, por ver que ainda existe muita gente, que com a sua bondade, consegue amenizar a dor de tantos infelizes; e tirar da lama tantos e tantos rapazes, que há-de ser os homens de amanhã. Choro também por não me ser possível enviar para aí alguma coisa. Hoje tudo mudou. O que envio é muito pouco, foi-me dado das mãos duma mulherzinha, por lhe ter dado a ela e ao marido umas injeções. Não lhe queria alguma coisa, para a Obra do Saudoso Padre Américo. Eles aí vão, são só 20\$, aceitar dinheiro, mas ela obrigou-me a isso. Assim que o recebi, encheu-me o coração de alegria, ao pensar, que finalmente podia mandar mas vai com eles toda a minha boa vontade.

Peço a Deus que vos dê forças para continuardes com a grande obra que vos foi legada. Que Deus vos encha de Bênçãos, a vós, aos vossos pobres e aos vossos rapazes».

Deus a ouça.

VISTAS DE DENTRO

Com a mesma desordem e prontidão do costume, nos primeiros dias de Janeiro, Manuel Coco aparece com seu balanço dos serviços de cicerone. Pessoas, coisas e instituições dão título a parcelas, de tal sorte, que bem se vê ser a ordem delas arbitrária. Mas o melhor é ler.

«Peiroteu	930\$00
Jaburú	1.217\$00
Rafael	26\$70
Pirilampo	2.390\$40
Lisboa	893\$00
Mário C. Pobres	610\$50
Braga	1.172\$90
Patrimônio dos Pobres	2.958\$50
Guilhufe III	754\$50
Quim Prozelo	84\$50
Teodoro	602\$00
Bombeiro	838\$00
Miguel	662\$20
Fagulha	1.057\$50
Tutoria	1.259\$00
Caracol	2.023\$70
Preto	445\$00
Tónio C. Pobres	1.226\$70
Quico	275\$80
Faisea	336\$70
Nêquita	676\$00
Peixeira	930\$00
Melo	742\$00
Manuel Bucha	413\$00
Baptista	854\$50
Planeta	438\$10
Venda de Candeieiros F.	205\$00
Brasileiro	2.252\$50
Russo	1.778\$50
Zé Luís	1.431\$00
Chico	1.764\$00
Livros Barredo-390	7.800\$00
Assinaturas novas	2.015\$00
Assinaturas A	10.065\$00
Postais 19.818	49.545\$00
Pai Américo	9.172\$70
Campa	3.239\$10
Sr. Padre Carlos	2.327\$50
Ofertas	54.886\$20

TOTAL 170.299\$70

Os chefes: Fabião e Relhas».

Eis um documento prá história da nossa desorganização organizada. * *



O «Sejaquim». Há para ai alguém que o não conhece? Aqui está todo «lirone» com a sua cana e o Arturito.

Isto aqui é assim. Em certa medida cada qual trata das conveniências inerentes ao seu mister e safa-se por si mesmo das dificuldades.

Recentemente houve de se modificar a colocação dos vendedores. Manuel das Eirinhas que o foi largo tempo em Amarante passou para Barcelos. Ora em antes o vendedor em Barcelos era mesmo de lá. Tinha família. Tinha casa para dormir do sábado pró domingo.

Manuel das Eirinhas a primeira vez resolveu o problema não sei como, mas entretanto lembra-se que certa «velha» amiga de Amarante tinha família em Barcelos. Lembrar-se e escrever foram dois actos sucessivos. E há dias soube eu de tudo isto por um postal da tal amiga de Amarante, aliás dirigido ao Eirinhas. «Que sim senhor, que a casa dos parentes estava às ordens». Eis de como a gente pode tomar conta de tamanha nau: mercê das boas iniciativas particulares. * *

Por iniciativas particulares. Uma espécie delas já clássica na nossa aldeia são as hortas. Às seis horas, acabado o trabalho, agora que os dias já vão por ai além, os «proprietários» seguem rumo aos seus quintais. São batatas e couves o que por lá tenho visto. Bacalhau é que eu ainda não vi semear em parte alguma. A qui deixo, pois, desde já, a denúncia do mistério de como aparecerá ele quando chegarem as jantaras aos compadres no tempo da colheita. * *

Últimamente houve ai uma questão que pôs na sombra o Suez. Foi assim. Os tipógrafos têm na sua oficina um depósito de petróleo e outro de gasolina prá limpeza das máquinas e pra cozinhar a goma arábica na encadernação. Os cozinheiros usam fogão de petróleo pró estrugido. Era costume estes irem àquela oficina sempre que o fogareiro se esvaziava. Mas outro dia ficaram mal. O guardião dos ditos depósitos impediu. «Não. Fulano (eu) anda sempre a ralar que a gente gasta muito petróleo e afinal são vocês. Não levas. Vai comprar se quiseres».

E, da cozinha tiveram mesmo que ir comprar, se quizeram...

Passados dias chegou aquele em que se faz limpeza geral à tipografia. Fachinas de calças arregaçadas, baldes e escovas... e sabão. Ora o sabãozinho é indispensável para que a estrega resulte. Um emissário veio à Casa Mãe por ele. Na Casa-Mãe quem profintifica são os cozinheiros. Eles estavam tocados. A ferida era fresca. Voltaram o feitiço contra o feiteiro: «Fulano (eu) anda sempre a ralar que a gente gasta muito sabão e que se perde muito por ai. Se quereis, vão comprá-lo». E eles foram,

sob pena de ficar sem barrela a tipografia.

Ora vejam os senhores de como são, até na Casa do Gaiato, os «tratados de não agressão e aliança mútua»!

* *

Às vezes acontece passar por ai um avião. Mal se ouve ao longe a roncar, ai vem tudo prá rua. Nas escolas nem professor, nem professora—ninguém segura. Nas oficinas idem. Na Casa-Mãe o mesmo. Já tem acontecido o refogado refogar demais e termos visita de «bispo» ao tacho do conduto, porque enquanto há avião não há mais nada. Até as senhoras da rouparia deixam agulha e dedal! Agora mesmo foi assim. A aeronave faz evoluções. A malta também. Há gritos: Viva o Sr. Avião! Há acenos. Há excitação.

Como sempre, hoje foi assim. Eu estou aqui no escritório de Pai Américo, escrevendo estas linhas, de perna estendida por uma topada que me ia deixando sem canelas. Quis ser forte e deixar o avião. Resisti à primeira volta. E à segunda. E depois... fui prá varanda, como os mais para não haver exceção em toda a Casa do Gaiato. * *

Já dissemos no princípio que cada um procura o mais conveniente ao bom e, sobretudo, ao fácil andamento do seu cargo.

«Limões» é funcionário da ti-



A Casa-Mãe, rendilhada de trepadeiras. A «Câmara» da Cidade dos Rapazes, onde a sineta dá ordens!

pografia e tem obrigação da retrete. Acho que os colegas da oficina não tinham por ai além grande cuidado com a dita. Que faz «Limões»? Um edital. Um edital preso com duas tachas à porta do dito compartimento.:

«Peço o favor de não deitar água para o chão porque me dá muito que fazer. Limões».

Mais simplicidade? Mais eficiência? Maior do que esta não há!

* *

Últimamente têm-nos dado vários rádios usados e em quase todas as casas há um deles, para alegrar os serões familiares de cada uma das pequeninas comunidades. Elas são sete, sem contar o grupo

de «batatas» que ficam ao bafo da Mãe na Casa-Mãe.

Ora os rádios já são usados. Em cada casa são muitos. Um quer o folhetim radiofónico, o outro música portuguesa. Muitas mãos. Uns botõesinhos que andam à roda. Resultado: avarias constantes e mais tempo sem rádios que com eles. Outro dia chegou a conta dos últimos concertos: Ia por ai fora. Eu puz as mãos na cabeça. Que não autorizava mais arranjos. Que quando se acabasse o rádio, se acabava. O único espectador da minha aflição era o «Tomar», o chefe de gabinete, que pôs fim às lamentações com um remate directo e certo: «É verdade. Muito dinheiro e pouca música».

SETUBAL

Padre Baptista

tar vícios e aconselhar adequadamente em ordem à limpeza, ao governo da casa. Quanta falta de higiene por falta de estímulo! Quanta ausência de conforto doméstico pela mesma razão! Quanto desgoverno por não haver mão amiga a ensinar!

Eis uma vereda vicentina.

Mas, se nem sempre, aqui e além a miséria é sem dúvida resultado da penúria de recursos materiais. Ontem tive ocasião de apalpá-la, bem perto. Um grupo de rapazes acompanhou-me e foi testemunha.

Em meio de extensa vinha alheia, entramos num pardieiro. Dentro, quatro paredes limitavam o espaço total. No chão térreo, uma cama de ferro coberta com uma esteira, sobre a qual pernoitam pais e filhos. Uma lareira, umas cavacas e mais nada. — «Que foi hoje o comer?» — Obtive em resposta um encolher de ombros, sinal evidente de que aquele muito deficiente deve ter sido. Indaguei mais e fi-

quei ciente de que se tratava de pedinte, que nada de seu possui a não ser a mulher doente e os filhos com fome. Lastimou que já não é aceite para trabalhar por causa da idade e das poucas forças. Não se atreve a pedir e passa mal. «Anseia a hora de descansar ao lado dos dois filhos que a terra já comeu!»

Este modo de pensar é consequência lógica dum sofrer constante e sem refrigério. A miséria voluntária ou involuntária nunca é digna condição humana, muito menos estado normal onde o homem possa calmamente adivinhar valores maiores. Só a Caridade pode despertar estas consciências ofuscadas pela miséria, libertando-as dela. Por amor que o vicentino lhes devota, aquelas descortinam a Deus que é Amor.

Porque a falta de meios inferioriza o homem diminuindo-o a seus próprios olhos, a ponto de se envergonhar dos homens, são precisos recoveiros que os descubram. Se no desleixo que conduz à miséria se impõe a obra de caridade que restaure, aqui com maior razão. É outra vereda vicentina.

